

ONE WOMAN: UMA ÍNTIMA CELEBRAÇÃO EM TEMPOS EMERGENTES

Viviane Palandi (Universidade do Estado do Amazonas – UEA)¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo tecer uma trama reflexiva e poética sobre o experimento performático *One Woman: uma íntima celebração em tempos emergentes*, que integra o Programa de Apoio à Iniciação Científica – PAIC, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Atraída pela ousadia da performer Karen Finley, inspirada pelas palavras sensíveis de Suely Rolnik sobre o desassossego das marcas e provocada pelo desnudamento cênico da atriz e diretora Janaina Leite, o tecido costurado neste artigo discorre (ainda que timidamente) sobre parir coragem, compaixão e escuta de si.

PALAVRAS-CHAVE

Mulher; marca; performance.

ABSTRACT

This article has the objective of weaving a reflective and poetic web about the performatic experience "One Woman: an intimate celebration in emerging times", which is part of the Scientific Initiation Support Program - PAIC, of the State University of Amazonas - UEA. Attracted by the boldness of the performer Karen Finley, inspired by the sensible words of Suely Rolnik about the restlessness of the scars, and provoked by the scenic baring of the actress and director Janaina Leite; the pattern woven in this article talks (even though timidly) about giving birth to courage, compassion and self-listening.

KEYWORDS

Woman; scar; performance.

As palavras que tecem este tecido nascem do desassossego de uma marca, inscrita em minha sexualidade e que, a partir do experimento performático *One Woman*, sobrevoou novos lugares de sentidos. Como conta Suely Rolnik em seu texto

¹ Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (ESAT-UEA). 4º. período Licenciatura em Teatro. Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves. Atriz, preparadora corporal, integrante do Diretório de Pesquisa CNPq Tabihuni.

“Pensamento, corpo e devir” (1993, p.2): “as marcas são sempre gênese de um devir”, são estados inéditos que podem sofrer mudanças uma vez que estão vivas em nós. Tendo isso, a marca que será exposta neste tecido – desde sua nascença, a perda da virgindade, até o momento desta escrita –, já adere novas texturas, pois tanto ela (marca) quanto eu somos outras. Além disso uma das linhas que perpassa esta costura é o eco: não estou só, não falo só, não escrevo só; há tantas marcas andando no tempo, tantas sobreviventes, algumas velando, outras gritando, tantas em manifesto, que, quando uma mulher a revela (marca), uma legião de vozes que mora no campo invisível aos olhos, mas sentida na pele, se acopla para sustentar a jornada desta mulher.

[...] cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância. Quando isso acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença. (ROLNIK, 1993, p. 2).

O encontro com as palavras de Rolnik (1993, p. 2) sobre a força da atração e que “quando isso acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença”, fez todo sentido durante a leitura do capítulo “Da estética da Sedução à do Obsceno”, do livro *Além dos Limites*, de Josette Féral; nele, a autora aborda o trabalho de Karen Finley², em especial a passagem “a performance de Finley é uma performance solitária, uma one-woman e, estando só, ela comunga com múltiplas vozes” (FÉRAL, 2015, p. 193).

Senti-me atraída. A marca vibrou. Ouvi em meu corpo o eco das vozes. Nascia então uma nova conexão entre mim e a marca, nascia *One Woman*. Por conseguinte, o experimento performático foi apresentado, em primeira instância, em sala de aula, numa avaliação do componente de História do Teatro II, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), sob a condução do prof. Luiz Davi Vieira Gonçalves, e logo após se tornou projeto de pesquisa no Programa de Apoio à Iniciação Científica – PAIC³, da mesma universidade. No entanto, o projeto de pesquisa intitulado “Da experimentação à iniciação científica: em busca de uma teoria para uma prática independente” se iniciou no presencial em 2019 e migrou para o virtual em 2020, devido ao isolamento social causado pela pandemia da COVID-19. A princípio um dos objetivos do projeto foi (e ainda é) a prática poética e reflexiva da escrita em

² Karen Finley, atriz americana, artista multimídia, conhecida pelas suas performances ativistas, tem o corpo e voz como matérias pulsantes dos trabalhos.

³ PAIC faz parte do Programa ICT – Iniciação Científica e Tecnológica da UEA e tem como órgão financiador a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

âmbito acadêmico, mas também a ampliação do repertório teórico que desse sustentação aos desdobramentos do experimento performático *One Woman*, tendo a pergunta disparadora: como aliar – sem esmorecer o desejo – o repertório teórico à prática, sendo esta traduzida em instâncias subjetivas?. Posto a pergunta, sai-me a buscar respostas.

Para iniciar o percurso das respostas, farei uso das palavras da atriz e diretora Janaina Fontes Leite⁴, a qual tive o prazer de conhecer durante minhas participações no *workshop online Ob-cenas contemporâneas: aproximação entre teatro e performance*, que são: “Mas que enigma era esse? Levei duas décadas para entender que se tratava do enigma da (minha) sexualidade” (2021, p. 19). Esta pergunta inicia o primeiro capítulo da tese-jornada *Ensaio sobre o feminino e a abjeção da ob-scena contemporânea*, em que Janaina oferece à sua leitora-cúmplice um (possível) desvelar do enigma. Lendo-a a pergunta voltou-se para mim: Qual parte do enigma, ainda, ressoa na marca, qual a instância de prazer (ainda) não sentida, qual o choro não chorado, ou qual o medo que ainda resiste ao amor? No artigo “Karen Finley e a escrita no corpo”, Ana Bernstein (2018, p. 10) escreve:

Todas as pessoas em minha performance são sobreviventes. Elas foram feridas e encontraram formas de sobreviver [...] e acho que isso é a beleza do mundo, a beleza da natureza humana [...] quando pessoas que viveram uma tragédia e encontraram alguma compaixão, [uma forma] de transformar aquela dor em compaixão.

Transformar a dor em compaixão, fazer das histórias bálsamos medicinais, como diz Clarissa Pinkola Estés (1994), pois “nunca se pode saber ao certo sobre o destino das marcas em nós e que novas exigências elas farão”, nos conta Janaina Leite (2021, p.22). Foi com essa perspectiva de transformação que *One Woman* pousou sobre minha marca, convidando-me a revistar uma história antiga, mas agora com uma nova conexão sobre mim (um devir). Parece-me que a cada vibração há um sentimento diferente, ora a marca se sente ameaçada, ora censurada ou simplesmente convidada a ser aceita, e aí talvez esteja o medo: a possibilidade do amor, de escrever uma possível (nova) inscrição no corpo. Em outras palavras, o projeto de pesquisa apoiou o devir, o dilatou, entretanto, todas as frentes de trabalho se transformaram durante o isolamento social: eu e *One Woman* no silenciámos durante um período de 2020, os sentidos se perderam diante de tantas mortes marcadas pela COVID-19, uma tragédia pousou e me convocou a um despertar. Qual? A partir de agora buscarei responder

⁴ Janaina Leite – atriz, diretora e integrante do grupo XIX de teatro da cidade de São Paulo – SP.

esta pergunta apresentando os elementos que compoem o experimento performático *One Woman*, este que impulsionou à uma experiência erótica interna.

O primeiro elemento é o que chamo de frases-dispositivas e, para unir teoria à prática, trago Agambem e sua obra *O que é um dispositivo?* (2009, p. 29): “O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder”. Sendo assim, a função estratégica das frases-dispositivas dentro do experimento performático *One Woman* é suscitar na pessoa que lê um imaginário de sentido que já existe nela, buscar uma relação – também – com a experiência erótica da plateia, pois se de um lado há a performer provocando, há do outro a emissão à performer, e é nesse entremeio que a fricção e o risco podem vibrar.

Quando Féral (2015, p. 193) nos conta que Karen Finley, ao colocar o corpo em um desnudamento, em um jorro de palavras interditas vindas do inconsciente, “o espectador recebe disso uma série de sensações e se deixa levar por uma sucessão rápida de imagens que se sucedem umas às outras e que ele tem apenas o tempo de decodificar”. Assim, eu quis experimentar com as frases-dispositivas, lançar um jorro de sensações, porque elas (frases) advêm da minha experiência interna erótica, antes oculta de mim mesma, e que, ao parir *One Woman*, tomei consciência sobre elas. Por exemplo, segue algumas das frases-dispositivas:

Me olhe
Me peça desculpas;
Me faça rir;
Me leve para passear;
Me faça uma filha;
Me leve para o paraíso;
Me morda em silêncio;
Me faça dormir pela eternidade;
Me mate aos poucos;
Me faça carinho até eu dormir;
Me beije;
Me coma com morangos;
Me tire daqui;
Me tome no cu;
Me ame sem parar;
Me fure,
Me machuque devagar por favor;
Me coloque para dormir;
Me deixe ir embora;
Me chupe até furar meu osso;
Me deseje o bem.

Pude realizar presencialmente apenas duas vezes *One Woman* e nas duas vezes a relação se deu de forma potente e reveladora. Após essas apresentações, como já

compartilhei, houve a perda de sentidos devido à pandemia de COVID-19 e uma nova convocação para a retomada do trabalho, agora pelas plataformas digitais, em 2020 e 2021, e com isso as frases-dispositivas também se redimensionaram.



Figura 1: Apresentação, presencial, aos estudantes de pós-graduação Lato Sensu da Cena no módulo Tecnologia nas Artes da Cena, na Universidade do Estado do Amazonas.⁵

Fonte: Arquivo pessoal da autora

⁵ Autora Pri Lima (2019).



Figura 2: Frases-dispositivas distribuídas no chão.⁶
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

⁶ Autora Pri Lima (2019).

Para Josette Féral (2015, p. 199-200), “[...] a performance de Finley é baseada sobre o exibicionismo do corpo. Corpo que ela desnuda, que ela unta, que ela recobre de confetes, que ela veste, que ela manipula.”; coloquei-me (ainda que de forma tímida) a me desnudar – primeiramente a mim mesma – dialogar com a marca, contar que já poderíamos nos mostrar sem tanta vergonha ou inibição e dar vazão a uma experiência interna (a erótica). Para Bataille (1987, p. 20):

O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Nisso nos enganamos porque ele procura constantemente fora um objeto de desejo. Mas este objeto responde à interioridade do desejo. A escolha de um objeto depende sempre dos gostos pessoais do indivíduo.

Meu gosto pessoal dentro do experimento performático *One Woman* está conectado às respostas da plateia ao ler as frases-dispositivas. No presencial, houve momentos singulares, pois ao deitar no chão, após uma introdução de boas-vindas e uma partitura corporal ao som de uma música eletrônica, deitava nas frases-dispositivas, misturando-me com elas e deixando aberto o espaço para uma interação mais direta com o público “estou aqui, me olhe, me toque, me leve para passear, venham, vamos tocar nossas experiências eróticas”. Visto que algumas das frases-dispositivas trazem um imaginário violento, algumas mulheres me contaram que foi difícil ler e imaginar alguma ação violenta que meu corpo poderia receber. Foram essas trocas que suscitaram em mim a polifonia de vozes, como conta Bernstein (2018, p. 10): “uma escrita oriunda do corpo e ao mesmo tempo que o atravessa, e que é também atravessada por outras, por uma multidão de vozes”.

Com isso retorno à introdução deste tecido: não estou só, não escrevo só, não falo só, as marcas pairam sobre nós, e para cada uma há um sentimento, uma recepção, um estado latente de alerta e, ao mesmo tempo, uma cúmplice silenciosa. Trago o depoimento da atriz Jocê Mendes⁷ que me marcou, sempre o uso para apoiar as minhas tentativas de traduzir esse percurso e que muitas vezes me foge às mãos: “a primeira frase que li foi ‘Me fure’, tomada por um ímpeto virei a frase para que ninguém lesse e pudesse querer fazer alguma violência com você”, disse Jocê Mendes segurando o papel, após a apresentação.

Entretanto, migrando para as plataformas digitais o risco também migrou, pois a tela do celular ou do computador criou (para mim) uma proteção, o contato se tornou

⁷ Jocê Mendes de Freitas – atriz e professora de teatro amazonense, licenciada e bacharela pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

muito mais visual, com isso precisei descobrir por onde minha experiência erótica extravasaria. Foi nesse período que conheci o trabalho da Janaina Leite através do *workshop online Ob-cenas*, e no último dia tínhamos como atividade compartilhar uma ação performática; o grupo foi dividido em duplas e cada pessoa tinha 15 minutos para mostrar algo. Eu apresentei *One Woman*. Naquele momento vislumbrei o experimento performático nas plataformas digitais, iniciando uma jornada de descobertas e prazeres, a princípio mais no âmbito da novidade virtual do que na esfera da experiência erótica interna, pois, para minha jornada pessoal, o contato com o outro/a outra é fundamental, mas a imersão às descobertas foram singulares e pude apresentar em vários eventos acadêmicos, oficinas, festas *online*, com isso a essência da pesquisa se manteve viva. A apresentação nas plataformas digitais me ensinou algo sobre o tempo, sobre o “melhor” ângulo na tela do computador ou celular, sobre as qualidades de pré-ensaio em casa, sobre o cenário que eu quero que apareça ou não durante a exibição, sobre a elaboração da escrita com batom ao vivo, marcando o papel e o também o corpo.

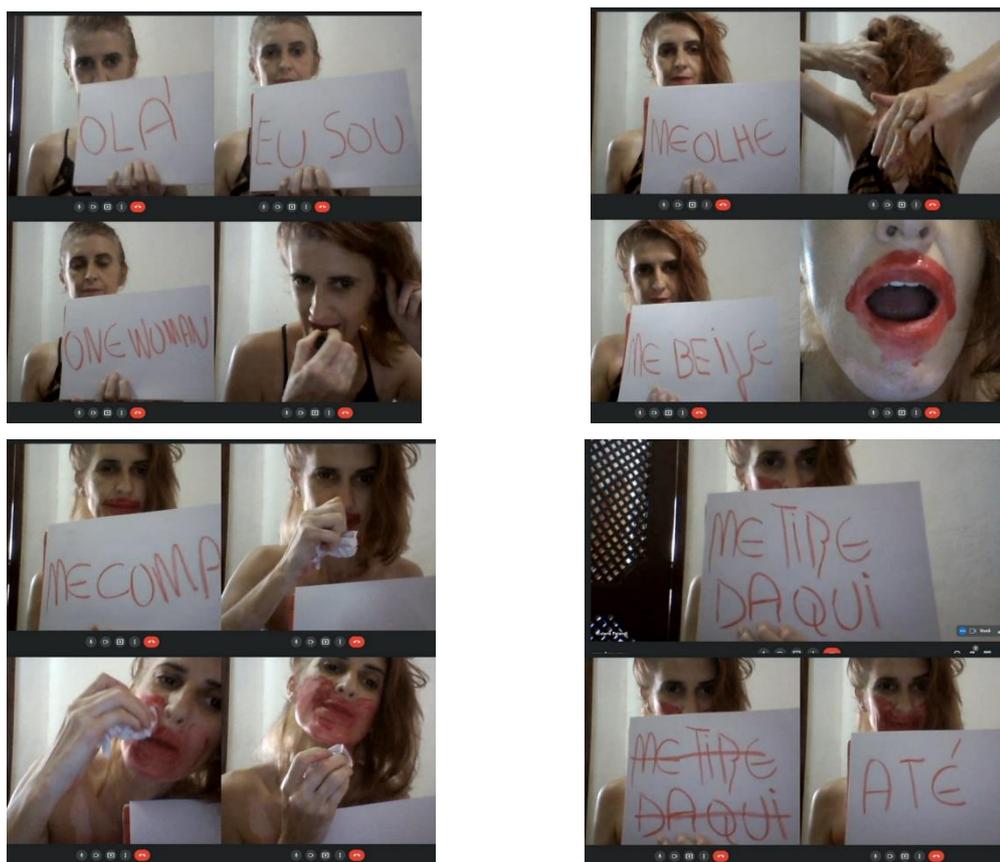


Figura 3: Apresentação *online* pela plataforma ZOOM, ao GT Mulheres da Cena no XI Congresso da ABRACE.⁸

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

⁸ Foto autoral.

Um segundo elemento – talvez não consiga discorrer muito –, embora seja um paradoxo, visto que este trabalho tem uma narrativa autobiográfica, é a própria *One Woman*, essa entidade que mora dentro de mim. Ela tem fome de algo que ainda nem sei dar o nome, mas o simples fato de senti-la – mesmo que timidamente – vitaliza a marca: antes o vermelho era marcado pela dor, hoje ele é quente, acorda meu corpo pulsátil, me aproxima do enigma e temo perder o controle sobre mim mesma. *One Woman* possibilitou-me preencher poeticamente espaços teóricos, como uma psicopompa de olhos vendados guiada pelo desejo de parir palavras, e tomo Hélène Cixous (apud SOUZA; PEREIRA, p. 1) no voo comigo “tem uma língua que eu falo ou que fala para/por mim em todas as línguas. E essa língua, eu sei, eu não preciso acessá-la, ela surge de mim, ela me inunda, ela é o leite do amor, o mel do meu inconsciente”.

Assim, tanto as frases-dispositivos quanto *One Woman* possibilitaram um devir, uma marca, uma conexão íntima; o experimento poderia ter tomado rumos muito diferentes no presencial, mas aprecio cada etapa conquistada em 2020 e 2021 dentro da Iniciação Científica, uma iniciação com abertura à celebração, como sublima Estés (1994, p. 420):

As lágrimas são um rio que nos leva a algum lugar. O choro forma um rio em volta do barco que carrega a vida da alma. As lágrimas erguem seu barco das pedras, soltam-no do chão seco, carregam-no para um lugar novo, um lugar melhor.

Como um tecido costurado por muitas linhas coloridas o experimento performático *One Woman* também é sobre parir coragens, sobre tocar as cicatrizes da marca com gentileza, levá-la próxima às águas da compaixão e colocando-a bem pertinho do coração pergunta: como posso (me) ajudar?

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradutor Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BERNSTEIN, Ana. Karen Finley e a escrita do corpo. *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas*, v. 3, n. 33, 2018. Disponível

em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573103332018006>. Acesso em 30 jan. 2021.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Tradução de Waldéa Barcelos; consultoria da coleção, Alzira M. Cohen. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FÉRAL, Josette. *Além dos limites: teoria e prática do teatro*. Tradução J. Guinsburg *et al.* São Paulo: Perspectiva, 2015.

LEITE, Janaina Fontes. *Ensaio sobre o feminino e a abjeção na ob-scena contemporânea*. 2021. 436 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Escola de Comunicação e Artes / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, v. 1 n. 2, p: 241-251. PUC/SP. São Paulo, 1993.

SOUZA, N. S; PEREIRA, V. C. A escrita da mulher/a escrita feminina na poesia de Maria Teresa Horta. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/tK8dJyfrVjyvfwTSMMytHjJ/?lang=pt>. Acesso em 08 ago. 2021.